

Introdução

A vida nos reserva cada surpresa!
Era mais uma consulta de rotina, e fui chamada como funcionária do Mackenzie atuando como capelã hospitalar em diversos hospitais, a comparecer ao consultório médico para o exame anual, de rotina.

Minha amiga, Dra. Ryvia Rose, uma das médicas do Mackenzie, acabara de se mudar com sua família para o Rio Grande do Sul, e eu estava curiosa para saber quem ocupara seu lugar.

Quando a porta do consultório se abriu, um médico simpático e sorridente me recebeu com muita festa: Dr. Rudy Eduardo Uchôa de Azevedo. Estranhei, pois nunca o vira antes, mas ele tinha lido alguns de meus livros, e se sentia muito feliz em me receber em seu consultório. Até mesmo, ele e sua esposa Juliana, tinham feito a inscrição para participar do nosso Curso de Capelania Hospitalar Nível I. Que honra para mim!

Terminada a consulta, começamos a conversar, e ele, todo orgulhoso, mostrou a foto de sua pequenina no celular: “Jujubinha”, com oito meses de idade, estava com o cabelo todo cheio de bobes, brincando com a sua avó e dando risada. Que orgulho para o seu pai!

Dr. Rudy contou-me, então, sua história:

Ele se formou na Universidade Federal do Pará – UFPA em Belém, PA, em 1995. Enquanto ainda estudava medicina, namorou uma garota que era quase uma menina: Juliana, que na época estava com 16 anos. Foi um namoro muito apaixonado, e o romântico Rudy lhe escrevia cartas todos os dias, no receituário médico, e a cobria de dengos.

Tinham se encontrado na casa de um amigo em comum, e por serem ambos evangélicos, marcaram um ensaio na igreja onde Rudy tocava violão como parte da banda. Logo começaram o namoro.

Após se formar, Rudy foi para Macapá trabalhar e juntar dinheiro. Ficou lá dois anos. Depois foi para Londrina, no Paraná, cidade da sua infância, e fez residência em Anestesiologia, no Hospital Evangélico de Londrina. Após

isso é que foi para o Rio de Janeiro fazer residência no INCA, em Dor e Medicina Paliativa, que é uma subespecialização da Anestesiologia. Sua preceptora foi a Diretora do Hospital, Dra. Cláudia Naylor. Ela passou a ser sua amiga muito querida, que o incentivava em sua carreira.

A distância começou a afastá-lo de sua namorada. Nesse período era difícil o contato por telefone, e eles começaram a se distanciar, até acabarem por terminar o namoro.

Depois de algum tempo, Rudy soube, com muito pesar, que Juliana tinha se casado com outro homem. Tempos depois, soube que ela já tinha três meninos. Suas esperanças em relação ao seu amor de adolescência pareciam ter se acabado. Rudy partiu para outro relacionamento.

Muitas vezes, tarde da noite, Rudy voltava para o INCA para visitar um de seus pacientes que estava partindo. Com o violão debaixo do braço, escolhia uma música muito especial e a tocava, cantando para esse que agora havia se tornado um amigo, orando com ele.

Por trabalhar somente com pacientes em final de vida, a morte era uma constante e por vezes o deprimia, pois nos seus vinte e poucos anos de vida, não sentia ter estrutura emocional para lidar com tantas perdas. Rudy comenta: “Muitas vezes, depois de uma visita, eu corria para o banheiro para chorar, porque me era muito pesado. Vinha no carro pensando: Meu Deus, a vida é isso, não é possível! Não tive uma notícia boa o dia inteiro!”

Muitos foram os pacientes que acompanhou até o último suspiro, aliviando sua solidão ao segurar com carinho suas mãos, depois de ter cuidado do controle da dor e de outros sintomas.

Decidido a buscar uma área da medicina que fosse menos sofrida, depois que veio para São Paulo, fez outra especialização em Otorrinolaringologia no Hospital CEMA, na Mooca. O curso de estética foi outra formação complementar.

Mas a história de amor interrompida não tinha chegado ao fim: anos depois, Juliana e Rudy se reencontram no *Facebook*. Ela havia se separado de seu marido e estava criando sozinha seus três meninos. Ele também estava só. Ao conversarem, descobriram que ainda se amavam, e que guardavam os mesmos gostos por leituras, música e outras coisas simples.

Parecia um sonho! Incrível o reencontro depois de tantos anos, e os dois ainda “falavam a mesma língua”, tinham os mesmos gostos e desejavam ardentemente se ver. Em pouco tempo acertaram o casamento, para alegria de todos.

Rudy comenta:

Eu não estava acostumado com paternidade, e quando abri os olhos já tinha três filhos. Mas Deus conciliou as coisas de uma maneira tão

impressionante, pois quando faltava uma semana para o início da aula dos meninos, Ele nos mostrou este apartamento no lugar ideal. Se tivéssemos planejado tudo, o reencontro, a vinda para São Paulo, o apartamento, a escola para as crianças, acho que não teria dado certo.

Eu acho impressionante a logística de Deus. Eu, com a ajuda de meu pai, tinha procurado apartamento na Vila Mariana e não tinha nenhum! Deus nos deu um apartamento para morar ao lado do Mackenzie, para facilitar tudo, no tamanho exato, dentro do orçamento!

Pensando na educação formal de sua recém-criada grande família, Rudy pediu a demissão do Hospital Alemão Albert Einstein, onde trabalhava como cirurgião otorrinolaringologista havia doze anos, e foi trabalhar como médico no Instituto Presbiteriano Mackenzie.

Rudy volta a falar sobre Juliana, amor de sua vida:

A parte de paternidade, que eu não tinha, você me ensinou. Por exemplo, como falar com as crianças, porque eu não sabia. Você conhece muito bem as crianças, é impressionante! Você me disse: com o André você lida assim, com o Pedro assim, com o Dudu assim.

Você tinha tanta certeza de que deveríamos ter um filho, e mais ainda, a certeza de que seria uma menina, que insistiu muito para isso e até comprou todo o enxoval para menina. Foi no tempo certo, Deus sabia o que viria a acontecer depois.

O que falta em mim você tem, e me completa. A estabilidade de família, de planejamento, as respostas randômicas para os meninos, é engraçado demais! Eu não saberia ter uma vida sem você como parceira!

Nós nos ajoelhamos diante de Deus e oramos...

Por isso que o nome da nenê tinha que ser Juliana. Juliana, como se fosse uma restauração da minha vida. Mesmo com muitas sugestões dos amigos, tínhamos a certeza de que esse era o nome certo.

No consultório do Mackenzie, onde estávamos agora, Rudy tinha os olhos marejados de lágrimas, pois as últimas notícias não eram boas: ele havia acabado de receber os resultados de seus exames e na consulta médica, confirmar aquilo que ele já sabia: estava com câncer de próstata, Gleason 10, com metástases nos ossos. O critério ou escore de Gleason que, somado ao exame de toque retal e do PSA, compõe os três principais parâmetros para que o oncologista tome a decisão quanto ao tratamento indicado a cada paciente de câncer de próstata, foi criado na década de 60 pelo Dr. Donald Gleason. Escores maiores estão associados a um pior prognóstico, relacionados a cânceres mais agressivos.¹

¹ Fonte: Sociedade Brasileira de Urologia.

Seu colega, urologista experiente, lhe dera o prognóstico segundo o qual teria somente mais três meses de vida.

Sua mente se voltara para os pacientes do INCA IV que tiveram o mesmo prognóstico, e o sofrimento que passaram até o fim chegar. Como isso poderia estar acontecendo com ele, um médico de 40 anos, que trabalhava para salvar vidas, que acabara de encontrar o amor de sua vida, ter uma filhinha de seus sonhos, ganhar três meninos e estar cheio de sonhos para o futuro?

Em lágrimas, Rudy olhou para mim e pediu que, como capelã hospitalar especializada em Cuidados Paliativos, cuidasse dele e de sua família até o fim. Pediu que tentasse conversar com Juliana, sua esposa, que, casada com ele há pouco mais de um ano, aos 35 anos de idade, com certeza não estaria pronta para suportar, mais uma vez, e desta vez de maneira definitiva, a perda de seu amado.

Prometi orar por eles continuamente e também acompanhá-los em cada momento de que me permitissem participar. Choramos juntos, oramos pedindo ao Senhor da Sua graça para caminhar e tiramos uma foto no seu celular. Em seguida, ele a enviou para Juliana e para o seu pai, o pastor Rui Azevedo, compartilhando sobre o nosso encontro.

Rudy comenta: “Você sabe, o paciente sempre elege alguém em quem confiar, para acompanhá-lo e ajudá-lo a se organizar, porque a cabeça vira um turbilhão. Eu escolhi a Eleny”.

O que dizer, como agir diante de uma pessoa tão jovem, cheia de fé, de vida, de sonhos e de razões para viver, que infelizmente está caminhando para os seus últimos tempos de vida?

O que fazer para ajudar um médico paliativista, cirurgião, anestesista, otorrinolaringologista, que olha para você esperando ajuda para colocar a casa em ordem e partir em paz, deixando um legado de vida para seus filhos e para sua esposa? Ao mesmo tempo, alguém que luta para viver, para ser curado e que sonha em olhar para trás depois de um tempo e descobrir que tudo não passou de um pesadelo, por ter sido curado?

O Rev. Danielsen, Capelão e fundador do Spiritual Care Support Ministries, diz que o melhor que podemos dar ao paciente é o “presente da presença”. “Tempo é o maior presente que podemos dar um ao outro. Simplesmente dizer ‘Eu estarei com você’. Jesus fez isso, e eu penso que nós precisamos falar menos e investir em estar mais presentes.”

Cerca de um mês antes de encontrar Rudy, caíra em minhas mãos um livro que causou um grande impacto em minha vida: *Finishing Well – Learning to live through terminal illness* (Terminando Bem – Aprendendo como viver através de uma doença terminal), escrito por John Eaves.

John acabara de saber que estava com um grave tipo de câncer (estágio 4), no estômago e com fortes dores. Sendo um cristão comprometido com o ministério transcultural, ele tinha uma decisão a fazer: viveria totalmente para a

glória de Deus ou se retrairia, em face da morte próxima? Ele sempre fora um homem de integridade, fé, compaixão e amor. E sua enfermidade não mudou a sua confiança em Deus. John manteve sua família e amigos mais próximos sempre informados sobre sua condição física, seus tratamentos quimioterápicos e, principalmente, sobre sua condição espiritual, através de uma série de *e-mails*, estimulando sua fé em Deus e servindo-lhes também como fonte de esperança.

Com certeza, através deste livro, Deus estava me preparando para o encontro com o Dr. Rudy, e tudo o que viria a seguir.

Em silêncio, pedi ao Senhor que me desse sabedoria, forças e coragem para ajudar o meu novo amigo e sua família a caminhar pelo vale da sombra da morte até o fim. Ao mesmo tempo, orei para que, se fosse da vontade de Deus, todos os recursos da medicina fossem usados para a sua cura (...). E mesmo, além destes, que Deus mesmo o curasse, para que muitos testemunhassem do Seu poder além de toda a medicina.

Neste tempo, muitas questões pessoais, familiares, espirituais e sociais seriam levantadas, e uma nova história seria escrita. Rudy queria muito que seus amigos, tanto da área médica como os da igreja, fossem alcançados e impactados em meio ao seu tratamento, crescendo em sua fé.

Nós nos propusemos a escrever um livro juntos, e nas madrugadas insones, Rudy começou a escrever textos que refletiam o estado de sua alma. Eram momentos de profundas reflexões sobre a vida e a morte, a doença e a cura, o choro e seus pedidos a Deus. Ele ora conversava comigo, abrindo o coração, ora conversava com Deus e consigo mesmo, tentando entender o que estava acontecendo, chorando diante do Senhor e lhe pedindo ora forças para continuar a luta, ora a cura completa.

Dra. Christina Pushalski, médica americana, que tem escrito muitos artigos científicos e livros sobre espiritualidade, afirma: “A enfermidade, o envelhecimento e a proximidade da morte podem trazer profundas questões sobre quem as pessoas são, qual o impacto que suas vidas têm causado, e o que lhes acontecerá no curso de suas doenças e até mesmo depois de sua morte. Quem eu sou? Como serei lembrado?”²

Este livro, *Esperança para viver e para partir – espiritualidade na prática de cuidados paliativos*, fala sobre vida e morte, sobre as decepções de um médico com a medicina, a comunicação com o paciente e sua família, o impacto da espiritualidade na saúde, as buscas por cura, o impacto da doença fatal sobre o enfermo e sua família, e outros temas muito interessantes escritos por grandes autoridades no assunto e também por mim, que compartilho o que Rudy e eu construímos juntos. Mas fala também sobre viver com

² Christina M. Puchalski e B. Ferrell, em *Making Health Care Whole*, p. 3.

qualidade e excelência cada dia, até o último momento, deixando um legado de vida que nunca poderá ser apagado.

Esperança para viver e para partir – espiritualidade na prática de cuidados paliativos foi enriquecido com capítulos escritos por amigos queridos, médicos, enfermeira e capelães hospitalares, que em meio a trechos do compartilhar da vida do Dr. Rudy, aprofundam nosso conhecimento ao discutir sobre temas científicos, ampliando nossa visão e ajudando-nos a melhor nos prepararmos para lidar com aqueles que estão partindo. Alguns destes, como a Dra. Maria Goretti Sales Maciel e a Dra. Sara Krasilcic, participaram de maneira prática da experiência do Dr. Rudy, tanto visitando-o uma vez no hospital, como dando-lhe assistência a distância, via WhatsApp, quando ele tinha dúvidas em questões quanto à medicação, especialmente a sedação dos últimos dias. Elas também me ofereceram importante suporte quando, semanalmente, lhes contava sobre os avanços da doença, em nossas reuniões de discussão de caso na Equipe de Cuidados Paliativos do Hospital do Servidor Público do Estado de São Paulo, da qual Maria Lúcia e eu fazemos parte. Até os últimos dias de vida do Dr. Rudy, Dra. Goretti nos ofereceu preciosas orientações médicas.

Tenho a certeza de que cresceremos juntos na leitura deste livro, chorando e nos alegrando com os textos do Rudy, aprendendo e sendo desafiados através dos textos dos outros profissionais da saúde, sendo capacitados para oferecer um cuidado ainda mais excelente aos nossos queridos pacientes e suas famílias. Com eles, aprendemos também sobre os nossos limites, revimos a nossa fé e nos questionamos, caso estivéssemos na mesma situação que eles, se estaríamos prontos para partir.

Escrevo este livro com grande reverência, procurando ser fiel ao meu querido amigo Dr. Rudy Uchôa, ao seu caráter, sua humildade, sua fé sem fingimento, seu exemplo de vida e, principalmente, diante da lição que deixou à sua família, seus amigos e a mim: quando você anda com Deus como seu melhor Amigo, até a sombra da morte é menos sombria, e é possível viver com integridade e dignidade até o fim, deixando um legado como exemplo de vida para muitos. Com o Dr. Rudy, assim como havia lido no livro de John Eaves, aprendi que “Quando você está preparado para morrer, está realmente livre para viver (...)”.

Boa leitura!

Eleny Vassão de Paula Aitken

Capelã Hospitalar desde 1982, Mestre em Aconselhamento Bíblico, Presidente da ACEH – Associação de Capelania Evangélica Hospitalar, Membro da Equipe de Cuidados Paliativos do Hosp. do Servidor Público do Estado de São Paulo. Foi capelã-titular do Hosp. das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP por 22 anos e coordenadora da implantação do Serviço de Cuidados Paliativos do Hospital Cruz Azul. É escritora de 25 livros e conferencista.